

Maio/Junho, 2014 - Edição 04

INFORME

Revista Oficial da Associação Brasileira das Indústrias de Materiais de Defesa e Segurança



O GOL DA INDÚSTRIA DE DEFESA

Associadas da ABIMDE marcam presença na Copa do Mundo com tecnologias e equipamentos de alta complexidade



MULHERES NA DEFESA

A competência feminina incrementa um setor dominado pelos homens

VERDE AMARELAS

General Carlos Roberto, do CCOMGEX, fala sobre defesa cibernética

PROJETOS ESTRATÉGICOS

Contra-Almirante Roberto Gondim apresenta os desafios da DGePEM

Há três anos, uma mulher tornava-se pela primeira vez o Comandante-em-Chefe das Forças Armadas do Brasil, quando Dilma Rousseff assumiu a presidência da República. Em novembro de 2012, a nomeação de Dalva Maria Carvalho Mendes como Contra-Almirante, passando a ser a primeira mulher a chegar ao posto de oficial-general das Forças Armadas, também foi um marco na história da Defesa Nacional. Já o início de 2014, foi marcado pela apresentação das doze mulheres que compõem a primeira turma feminina da Escola Naval. São as primeiras mulheres a pisarem, como aspirantes, na Ilha de Villegagnon.

Essas são apenas algumas histórias de uma “revolução” silenciosa que começou em 1823, quando se tem o registro da primeira mulher a compor o quadro do Exército Brasileiro, e que só tem aumentado com o passar dos anos. As mulheres já são realidade na área de defesa e, cada vez mais, conquistam cargos e desafios antes reservados apenas aos homens. Dados publicados no Portal Brasil, no início de 2013, dão conta de que esse efetivo já passa dos 22 mil, o que representa mais de 6% do total de militares.

Civis ou militares, elas têm conquistado um espaço cada vez maior e de mais destaque nos projetos que buscam ampliar a soberania nacional. Uma dessas mulheres que fizeram história é a Major Linda Soraya Issmael. Engenheira Cartográfica por formação, Soraya viu no Exército Brasileiro a oportunidade de avançar na carreira e trabalhar com sua paixão – os mapas e cartas.

“A minha grande conquista é minha experiência profissional, que graças ao Exército tem crescido a cada dia”, comenta a Major, que se sente orgulhosa por ter feito parte

desse processo de inserção da mulher nas Forças Armadas.

Atualmente, Soraya trabalha no Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República e lidera projetos relacionados à infraestrutura de dados espaciais como a elaboração de especificações técnicas para a Infraestrutura Nacional de Dados Espaciais (INDE), a Comissão Nacional de Cartografia (CONCAR), além de modelagens conceituais e lógicas de dados geoespaciais para a defesa.

“Também estamos trabalhando nas especificações técnicas e metodologias relacionadas à produção cartográfica do Exército. Esses projetos garantirão a padronização e interoperabilidade de dados geoespaciais do País”, destaca Soraya.

Quem a vê falando com tanta naturalidade e simplicidade sobre processos complexos não imagina o quanto a Major contribuiu para a quebra de paradigmas no Exército. Além de ter sido a primeira mulher militar a compor a equipe cartográfica do Exército, Soraya também esteve à frente de importantes projetos como a transição da cartografia analógica para a digital, a criação da Infraestrutura Nacional de Dados Espaciais (INDE Brasil) e um dos projetos de inclusão mais significativos - Cartografia Tátil, voltada para a produção de mapas para crianças com deficiência visual.

“O principal desafio foi chefiar indivíduos em um ambiente de trabalho que nunca recebeu mulheres. Mas o tempo foi passando, e tudo se ajustou. Hoje, o Exército está integralmente adaptado à presença de mulheres”, ressalta.

E a missão de abrir caminhos para a presença feminina não

MULHERES NA DEFESA

Hoje, elas representam pouco mais de 6% do efetivo militar e já conquistam cargos antes restritos aos homens. Conheça as histórias de algumas mulheres que quebraram paradigmas e abriram caminho para uma transformação no setor.

por Karen Gobatto

deve ficar com as conquistas já obtidas até o momento. Soraya pode chegar a ser a primeira mulher cartógrafa a obter a patente de General de Divisão do Exército Brasileiro.

FORTALECIMENTO DA DEFESA

Quando optou por seguir a carreira de engenheira civil, a amazonense de Itacoatiara, Jocirene Chagas, não imaginava que o destino e os desafios profissionais a direcionariam para a área de defesa. Após se formar pela Universidade Federal do Amazonas, Jocirene tinha traçado planos de desenvolver sua vida profissional na área de construção, quando foi surpreendida por um convite para trabalhar como responsável pelo planejamento do projeto do Sistema de Vigilância da Amazônia (SIVAM), pela então Fundação Atech, que era a empresa integradora do projeto.

“Gostei do desafio e aceitei. Esse programa foi um divisor e, a partir dele, fui me envolvendo cada vez mais com a área de defesa”, explica.

Na Atech assumiu, alguns anos depois, a gerência do SIVAM. Na sequência, os desafios foram aumentando com a revitalização dos Cindactas (Centro Integrado de Defesa Aérea e Controle do Tráfego Aéreo), o desenvolvimento de sistemas de Guerra Eletrônica, de Comando e Controle, entre outros projetos, além de trabalhar na área comercial. Enquanto atuava na empresa, teve a oportunidade de cursar MBA em Gerência de Projetos pela Fundação Getúlio Vargas.

Hoje, Jocirene é a vice-presidente de negócio no Brasil da Tecnobit, empresa de origem espanhola, sendo responsável pela filial brasileira desde o início de 2014.

Também vem se dedicando ao MBA Executivo Empresarial na Fundação Dom Cabral.

“Recebi o convite da Tecnobit pelo meu currículo e experiência no mercado e estou certa que não

houve uma análise de gênero, o que é uma demonstração clara de que algo está mudando no mercado”, comenta a executiva.

Mesmo contribuindo para a abertura de espaços para a consolidação da presença feminina no setor, Jocirene analisa que o mercado ainda é formado predominantemente por homens. “Veladamente, ainda pode existir algum tipo de discriminação com as mulheres, mas posso dizer que sempre me senti respeitada e nunca tive problemas quanto a isso.”

Mas a amazonense destaca que as empresas ainda possuem poucas mulheres nesta área, principalmente exercendo cargos executivos. “Espero que esta realidade mude em um curto espaço de tempo”, reflete.

Para isso, Jocirene mostra o potencial feminino ao elencar as conquistas obtidas à frente da Tecnobit. Em apenas dois anos de um “árduo trabalho da equipe”, a empresa já tem o reconhecimento não só dos clientes como também das empresas brasileiras parceiras, especialmente as chamadas integradoras. Com isso, a empresa começa a ser convidada a participar dos processos licitatórios nas áreas de defesa e segurança no País e também em países vizinhos.

“Mais do que torcer para que as mulheres vençam neste mercado, torço para que os investimentos na defesa e segurança no Brasil sejam vistos como prioridade, assim certamente bons profissionais, sejam homens ou mulheres, poderão continuar atuando e contribuindo nesta área”, conclui.

TECNOLOGIA E OPORTUNIDADES

Um dos projetos mais importantes em execução pela Marinha do Brasil na atualidade, o Sistema de Gerenciamento da Amazônia Azul (SisGAAZ), conta com a consultoria técnica da Fundação Ezute, que tem a engenheira civil e doutora em Ciências da Computação, Andrea Silva Hemerly, à frente dessa empreitada. Diretora de Programas da Marinha pela Fundação Ezute, Andrea lidera as equipes responsáveis pela concepção do sistema integrado que formará uma rede extensa de sensores terrestres e marítimos, além de centros de controles diversos para o monitoramento aéreo e ambiental da Amazônia Azul.

O projeto envolve uma infraestrutura tecnológica complexa e de última geração, que possibilita a vigilância, o monitoramento e a proteção da riqueza marítima brasileira, incluindo o pré-sal.

Segundo Andrea, o perfil conciliador, cooperativo e agregador, típico das mulheres, contribui para um bom desempenho, principalmente em projetos de grande complexidade como o SisGAAZ, e que envolvem muitas partes interessadas. “Mas sou meio avessa a arquétipos de gênero, entendo que estes sejam mais de fundo cultural do que biológico”, destaca Andrea. A diretora da Fundação Ezute atua na área



Major Linda Soraya Issmael, do EB



Jocirene Chagas,
da Tecnobit

de defesa desde o início da década de 1990.

Começou já com um grande e complexo projeto, o Sistema de Vigilância da Amazônia (SIVAM). Trabalhou inicialmente na elaboração da proposta e, anos depois, voltou a se envolver com o programa, no desenvolvimento de SW, pela AmazonTech, empresa americana sob o controle da antiga Fundação Atech. Em 2011, assumiu o atual cargo, justamente quando foi convidada a participar do SisGAAz. “Estava trabalhando em uma start-up quando fui apresentada ao SisGAAz e me empolguei com o desafio que esse projeto representava”, explica.

Segundo Andrea, o setor de tecnologia tem crescido no País e no mundo e vem recebendo incentivos, inclusive governamentais, o que denota a compreensão de que essa área é fundamental para o desenvolvimento do País. Ela cita a carência de profissionais capacitados no mercado, como engenheiros, e iniciativas como o Ciências Sem Fronteiras para suprir tal deficiência, como exemplos dessa visão sobre a importância do setor. Conquistas do segmento com a Estratégia Nacional de Defesa (END) é outro exemplo disso, de acordo com a executiva.

“Nesse contexto amplo, vemos todo o setor crescendo e, consequentemente, com uma maior participação feminina nas Forças Armadas, mas ainda somos minoria”, enfatiza.

Sobre esse tema, a diretora da Fundação Ezute destaca que a participação feminina tem sido debatida e a conclusão a que se tem chegado é que a presença de mulheres na área de tecnologia da informação é estratégica para o avanço do setor. “Há três anos, participei de um painel no Congresso da Sociedade Brasileira de Computação (CSBC), realizado em Natal (RN). Foi um evento do Women in Information Technology (WIT), cujo objetivo principal é promover um fórum para discussão de estratégias visando aumentar a participação de mulheres no setor de TI. A conclusão é que a ausência da força de trabalho feminina provoca atrasos na economia”, conclui Andrea.

EQUILÍBRIO E DIVERSIDADE

Na área de defesa, muitas empresas civis têm contribuído para o desenvolvimento de projetos e o fomento de fornecedores. Uma dessas é a Tarobá, cujo foco de atuação está baseado no aumento de conteúdo local a partir da viabilização de negócios de empresas estrangeiras no Brasil. À frente da Tarobá está a engenheira de produção mecânica, Beatriz Xavier da Silveira Rosa.

A diretora explica que o objetivo principal da companhia é fortalecer a indústria nacional, trazendo tecnologia de última geração para o País ao viabilizar parcerias entre empresas de interesses mútuos. “São grandes as perspectivas de crescimento do setor de defesa”, comenta a executiva.

Um dos recentes projetos em que esteve envolvida foi o de aproximar fornecedores do setor elétrico, para que o nível tecnológico e de conhecimento das indústrias brasileiras seja beneficiado. “Desenvolvemos uma maneira própria de relacionamento com as empresas estrangeiras e conseguimos aumentar o nível de conteúdo nesses projetos”, explica.

Beatriz fala com propriedade dos avanços das indústrias brasileiras e, principalmente, do setor de defesa. Segundo ela, há alguns anos, o empresariado tinha dificuldades em apresentar projetos para as Forças Armadas. “Houve uma mudança nos últimos cinco anos, com o fortalecimento da nossa indústria e a percepção de que todos temos os mesmos objetivos – a soberania nacional”, ressalta.

Para a diretora da Tarobá, a tendência é que haja cada vez mais abertura e que o diálogo entre civis e militares seja intensificado. O fato de ser uma mulher participando das discussões, hoje, já não causa tanto estranhamento e Beatriz tira de letra. “Minha família tem muitos homens. Sou ‘PhD’ em relação a isso”, brinca. E complementa, “às vezes acho mais fácil lidar com homens devido a trajetória de vida que tive”.



Andrea Silva Hemerly,
da Fundação Ezute

Ela também nota o aumento da presença feminina no segmento de defesa como em outras áreas produtivas. Para ela, a percepção é clara nos últimos nove anos, desde que ingressou nesse setor, com aumento inclusive da presença de líderes mulheres. “Mas noto que o avanço é mais lento para cargos executivos nesta área. Ainda há predominância masculina nos cargos de comando”, avalia.

Na Tarobá, a diversidade de gênero está bem equilibrada, tendo em média metade da equipe sendo composta por homens e metade por mulheres. “Nunca deixei de me posicionar e nunca fiquei receosa em lidar com alguém de uma hierarquia acima da minha. Acho que temos que buscar sempre o melhor de cada um e aproveitar isso para fortalecer nossas relações e nossos projetos em prol de um objetivo único”, conclui Beatriz.

DOCTRINA DE QUARTEL

Filha de militar, a Diretora Administrativa da Associação Brasileira das Indústrias de Materiais de Defesa e Segurança (ABIMDE), Heloísa Helena dos Santos, cresceu aprendendo a doutrina militar, ou de “quartel”, como costuma falar, na qual a disciplina rígida e a responsabilidade são os motores das ações.

Administradora de empresas por formação, mesmo sem seguir a carreira militar, Heloísa não ficou por muito tempo longe da área de defesa e, desde 2007, ingressou no setor por meio da ABIMDE.

Atualmente, coordena a área financeira e operacional da entidade, com o objetivo de otimizar sua atuação para contribuir com o crescimento das empresas afiliadas, em busca da consolidação do setor. Sua rotina engloba a comunicação com as associadas, o acompanhamento do grau de satisfação das companhias com relação à Associação e a gerência das atividades da ABIMDE para promover o setor.

Heloísa Helena dos Santos, da ABIMDE



“É bastante gratificante trabalhar pela soberania e segurança do meu País”, destaca Heloísa. E, nessa trajetória, a Diretora Administrativa pode acompanhar o crescimento tanto da Associação quanto da indústria de defesa. “Não crescemos apenas em número de associadas, mas principalmente em respeitabilidade frente a todos os segmentos da sociedade brasileira. E o crescimento do setor também foi sentido, juntamente com a presença da mulher na área de defesa”, analisa.

Segundo ela, a participação feminina tem se multiplicado em todas as áreas produtivas e isso também é uma realidade nesse segmento tão particular.

“A área de defesa exige competência, tecnologia e seriedade. Quem deseja ingressar neste setor deve ter isso em mente, e a mulher tem mostrado competência para isso. Os dons femininos fluem naturalmente e se destacar aqui é consequência disso”, finaliza.

SUCCESSÃO

Outro exemplo de que a conquista de espaço pelas competências supera qualquer julgamento de gênero é visto na empresa Cecil S.A. Laminação de Metais, especializada em fundição e laminação e também fornecedora de matéria-prima para o mercado de defesa. Fundada pelo patriarca da família Cervetto, em 1961, hoje é comandada pela filha caçula, Maria Antonietta Cervetto, que assumiu no final de 2008 o cargo de diretora-presidente.

Ela lembra que ingressou na empresa em 1987 como estagiária, mesmo contra a vontade do pai, que não queria a filha se envolvendo com a fábrica, justamente por ser mulher. “Ele tinha uma visão um pouco machista, mas também de cuidado com a filha, mas mantive minha determinação em conhecer todas as áreas da empresa e consegui quebrar essa resistência ao mostrar que desempenhava minhas funções com competência”, comenta.

Durante dois anos, Maria Antonietta cumpriu



Beatriz Xavier da Silveira Rosa, da Tarobá

seu objetivo, atuando em todos os departamentos para conhecer a rotina da empresa. Ela conta que se identificou com as áreas comercial e de controladoria, onde se estabeleceu por alguns anos. "Sempre gostei de processos e nesses setores pude adquirir um conhecimento mais amplo do negócio", destaca.

No final da década passada, em plena crise econômica mundial, Maria Antonietta precisou novamente reforçar suas competências quando o processo de sucessão familiar foi conduzido e assumiu o cargo que ocupa desde então. "Todo o cenário gerou certo receio internamente, principalmente porque gerencio de maneira diferente, não sou centralizadora e todos percebem que fazem parte do processo e têm responsabilidades sobre resultados".

Atualmente, a Cecil conta com cerca de 20% do quadro de funcionários composto por mulheres e, muitas delas, estão em cargos de liderança. Nessa nova gestão, o foco nos treinamentos e na adoção de ferramentas de gestão tem feito parte de um processo contínuo de aperfeiçoamento e evolução. Os resultados já são sentidos tanto comercialmente quanto em relação ao clima organizacional.

"As mulheres estão ganhando espaço no mercado de trabalho por suas múltiplas competências. Sabemos desempenhar liderança com firmeza, sem sermos rudes, apresentando melhores resultados. E o mais importante, a mulher atua com correção e sem corporativismos", conclui.

PIONEIRISMO

Hoje, a Marinha do Brasil (MB) conta, pela primeira vez, com uma mulher no posto de Contra-Almirante, assumido em novembro de 2012. A médica por formação e apaixonada pelo mar, Dalva Maria Carvalho Mendes, sempre foi pioneira na MB, tendo ingressado na corporação em 1981, quando integrou a primeira turma do Corpo Auxiliar Feminino da Reserva da Marinha (CAFRM), fruto da visão vanguardista do Almirante-de-Esquadra Maximiano da Silva Fonseca, Ministro da Marinha à época. A primeira turma admitiu 203 mulheres, de nível superior, vindas de todos os estados do Brasil.

Em 1997, houve uma redistribuição das mulheres pelos CAFRM já existentes. Como resultado, a participação da mulher nas atividades da MB foi significativamente ampliada.

Na época em que ingressou na Marinha, havia muita curiosidade e admiração pela presença feminina. Nesse cenário, onde as mulheres consolidavam suas conquistas, a MB admitiu 512 mulheres, entre Oficiais e Praças. Neste ano, como parte do contínuo processo de atualização e aprimoramento da administração do seu pessoal, a Força admitiu a primeira turma de Aspirantes femininas da Escola Naval.

"Os pioneiros em qualquer área de atuação, certamente, impulsionam a história", reflete.

Atualmente, a MB conta com 6.923 mulheres militares o que corresponde a 9,57% do efetivo total da Força. Segundo a Contra-Almirante Dalva, esse percentual posiciona o País próximo ao percentual



Contra-Almirante
Dalva Maria Carvalho Mendes, da MB

médio dos países que possuem mulheres em suas Forças Armadas, que é de 10%. Essas militares prestam serviço no Corpo de Engenheiros, nos Quadros do Corpo de Saúde, no Corpo de Intendentes, nos Quadros Técnico e Auxiliar, no Corpo Auxiliar de Praças e no Quadro de Músicos do Corpo de Praças de Fuzileiros Navais.

"A mulher, em decorrência de seus papéis de mãe e esposa, desenvolve naturalmente habilidades muito necessárias para qualquer ambiente profissional, como a empatia, a flexibilidade, a firmeza na medida certa e a capacidade de conciliação. Essas características também são aplicáveis e necessárias nas mais variadas atividades da vida militar, além de favorecerem o exercício da liderança, virtude essencial para qualquer militar", avalia a Contra-Almirante.



Maria Antonietta
Cervetto, da Cecil